

CONSELHO REGIONAL DE PSICOLOGIA RS
NÚCLEO DE EDUCAÇÃO CENTRO-OESTE
REGISTRO DE ATIVIDADE

DATA: 20/08/2020

RESPONSÁVEL/RELATOR: Silvana Maia Borges

PARTICIPANTES:

Adriana Dias
Eliane Rodrigues Pinto
Elysangela Koglin Ulo Limachi
Henrique Lovato Corte Real
Ísis Machado Dornelles
Maria Jaqueline Ferreira da Silva
Natália de Moraes Munhós
Silvana Maia Borges
Suelen Silva

PRÓXIMA REUNIÃO DO NÚCLEO: 03/09/2020

PAUTAS

- Concepção de educação que o núcleo terá para embasar sua atuação (continuação) -
- Discussão do capítulo 2 do livro “Escola e Democracia”, de D. Saviani.
- O que significa a concepção “crítica” de atuação em psicologia escolar?

PRÓXIMAS PAUTAS

- Concepção de educação que o núcleo terá para embasar sua atuação (continuação) -
- Discussão do capítulo 3 do livro “Escola e Democracia”, de D. Saviani.
- O que significa a concepção “crítica” de atuação em psicologia escolar? (continuação).

PAUTA: Concepção de educação que o núcleo terá para embasar sua atuação (continuação) - Discussão do capítulo 2 do livro “Escola e Democracia”, de D. Saviani.

ENCAMINHAMENTO: A psicóloga Silvana Borges introduziu o encontro retomando as discussões da última reunião. Para isso, citou as teorias pedagógicas não-críticas e as teorias crítico-reprodutivistas descritas por Saviani. Expôs que o autor não chega a desenvolver nesta obra a denominada “pedagogia histórico-crítica” (que seria uma teoria crítica propriamente), mas que ele fornece pistas acerca dela. Além disso, expôs que essa teoria toma como base a Psicologia Histórico-Cultural, que também é a referência central da psicologia escolar crítica. Em seguida mencionou que Saviani enuncia no capítulo “três teses”, as quais culminam na chamada “teoria da curvatura da vara”, (retomada de Lênin). A partir dessa introdução, foi discutido sobre a pedagogia tradicional e a pedagogia nova, sendo a última muito criticada por Saviani no texto em questão. A crítica dá-se especialmente sobre o escolanovismo dizer-se democrático, estimulando as diferenças, a humanização da educação, sendo que, segundo Saviani, a escola propagada pelo movimento escolanovista “esvaziou-se” de conteúdo (que era central na pedagogia tradicional), o que fragilizou o ensino, especialmente das classes

populares. O psicólogo Henrique contribuiu com a discussão expondo que, conforme Saviani, em ambas as pedagogias, o interesse é ditado pela classe dominante (burguesia). Podem ocorrer transformações, mas a divisão de classes é perpetuada, sendo que o conhecimento é negado aos filhos da classe trabalhadora. Em seguida o grupo entrou na discussão, de forma mais enfática, da “teoria da curvatura da vara”, sendo que Silvana compartilhou a seguinte reflexão: não seria o caso da psicologia escolar tomar essa teoria para si e implementar, de vez, a psicologia escolar crítica, abolindo as práticas da “psicologia escolar tradicional”? Houve larga discussão e ponderações sobre essa questão. Maria Jaqueline expôs que Saviani revela que a vara está torta para o lado dos movimentos da Escola Nova, sendo que as pedagogias novas são vistas como portadoras de “todas as virtudes”. A partir disso, Maria Jaqueline problematizou: Será que a vara atinge o seu ponto correto (equilíbrio)? Henrique contribuiu colocando que algumas coisas precisamos notar na “teoria da vara”: ideias e políticas radicais geralmente são rechaçadas, muitas vezes há resistências em mudanças tão enérgicas. Outro aspecto é que assim como vamos tentar entortar a vara “para o nosso lado”, outros também vão se basear nisso pra fazer o mesmo. Elysangela concordou e ressaltou que devemos lembrar que “todo extremo pode ser a beira de um abismo”. Henrique reforça ainda que, ao mesmo tempo, precisamos agir e desenvolver a psicologia crítica, pois não podemos ficar “em cima do muro”. Ísis também aderiu à discussão e explicitou que ao se inserir no contexto escolar, a psicologia deve buscar evidenciar conceitos básicos, para aos poucos todos conhecerem as práticas do psicólogo escolar e qual é realmente o seu papel. Assim, é necessário que a psicologia se posicione, para desmistificar alguns pensamentos equivocados. A psicóloga Suelen da Silva também corroborou com a discussão e trouxe alguns exemplos de seu contexto de atuação. A partir disso expôs que muitas vezes teremos que usar das práticas “tradicionais”, como as avaliações, para conquistarmos espaço, ou seja, o “outro lado da vara”. Ao comentar o exemplo exposto por Suelen, Silvana reforçou a importância do diálogo com as instâncias gestoras, a fim de elucidar a atuação da psicologia escolar e educacional, uma vez que é evidente a falta de informação existente, de modo geral. Esse debate abriu espaço para a reflexão sobre o papel da escola que, na visão da pedagogia histórico-crítica, é promover o acesso ao conhecimento, pois de acordo com Saviani “dominar o que os dominantes dominam é condição de libertação”. Assim, a educação deve possibilitar o conhecimento para todos e todas, para que cada sujeito escolha o que quer ser. Como afirmou Suelen, precisamos pensar em como a educação vai contribuir para que o sujeito a use como quiser, não seguindo os ditames hegemônicos.

PAUTA: O que significa a concepção “crítica” de atuação em psicologia escolar?

ENCAMINHAMENTO: O grupo entrou brevemente nesta discussão (que terá sequência na próxima reunião), sendo que Elysangela expôs que falar desse tema lhe remete a Maria Helena S. Patto e às discussões sobre o que é o fracasso escolar e a necessidade da psicologia estar constantemente se avaliando, refletindo sobre sua atuação. Silvana contribuiu trazendo a visão de que a psicologia escolar crítica emergiu na década de 1970, fortalecendo-se em 1980, após duras críticas às práticas individualizantes, culpabilizantes e excludentes que eram realizadas pela psicologia escolar até então (endossadas desde a década de 1930, especialmente pelo movimento escolanovista). No bojo destas críticas, a psicologia passa a perceber que deve compreender e considerar a multicausalidade dos fenômenos escolares, uma vez que as dificuldades de aprendizagem e os ditos comportamentos inadequados (que levam ao chamado

“fracasso escolar”) são produzidos em uma relação – do sujeito com a escola (e com a sociedade). Assim, a psicologia escolar crítica, que se ampara na Psicologia Histórico-Cultural, passa a considerar aspectos históricos, sociais, econômicos, culturais, tirando o foco (e culpa) do indivíduo/aluno. A discussão encerrou com Silvana apontando a constatação colocada por diferentes estudiosos, qual seja: embora a psicologia escolar crítica tenha avançado no plano teórico, no campo prático ainda está em construção. O grupo concluiu a reunião com a compreensão de que a psicologia escolar crítica está, de fato, sendo construída, e que agora, com a aprovação da Lei 13.935/2019, haverá a possibilidade dela se concretizar, sendo que é para isso que o núcleo da subseção foi constituído e terá um longo trabalho e caminho a percorrer.

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

PAUTA:

ENCAMINHAMENTO:

